



LIVRO

O PROCESSO DE DIGITALIZAÇÃO E AS IMPLICAÇÕES NA PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL

LILIAN CRISTINA MONTEIRO
FRANÇA - ABCA / SERGIPE

RESUMO: “Abre-te código. Transformação digital e patrimônio cultural”, organizado por Leo Veras, reúne textos associados ao programa de formação do *hackathon* “Abrete-Código”, realizado em 2020, e divide-se em três eixos: Sistemas e Processos, Legislações e Tecnologias.

PALAVRAS-CHAVE: Instituto Goethe, transformação digital, patrimônio digital e cultural, Brasiliana fotográfica, universo da digitalização, Giselle Beiguelman

ABSTRACT: “Open code: Digital transformation and cultural heritage”, organized by Leo Veras, brings together texts associated with the “Abrete-Código” hackathon training program, held in 2020, and is divided into three axes: Systems and Processes, Legislation and Technologies.

KEYWORDS : Goethe Institute, digital transformation, digital and cultural heritage, Photographic Brasiliana, universe of digitalization, Giselle Beiguelman

A expansão dos processos de digitalização sofreu um *boom* durante a pandemia da Covid-19: *lives*, shows, seminários, aulas, palestras, ensaios, rodas de conversa, saraus literários, exposições, praticamente todos os segmentos culturais reinventaram-se num cenário digital.

Como ressalta Anja Riedeberger, Diretora do Departamento de Informação para América do Sul do Goethe-Institut/São Paulo, esse caminho já vinha sendo trilhado, uma vez que o interesse por novos públicos integrava a pauta das Instituições já há algum tempo, a pandemia acelerou o processo e promoveu um crescimento exponencial.

No escopo do “Brasil_Abre-te Código”, projeto desenvolvido pelo Instituto Goethe, reunindo Instituições culturais e mentes criadoras/pensadoras da tecnologia, o objetivo é intensificar a colaboração entre os diversos segmentos, inovar e estruturar outros paradigmas no universo da digitalização da cultura e da sociedade como um todo.

“Abre-te código. Transformação digital e patrimônio cultural”, organizado por Leo Veras, reúne textos associados ao programa de formação do *hackathon* “Abrete-Código”, realizado em 2020, e divide-se em três eixos: Sistemas e Processos, Legislações e Tecnologias.

Preliminarmente, são apresentadas as reflexões: “Abre-te código: transformação digital e patrimônio cultural”, de Anja Riedeberger; “Estive no futuro e lembrei de você: sobre os museus e o século XXI”, de Leno Veras e “Reinventar a memória é preciso”, de Giselle Beiguelman, articulando-se às bases teórico/práticas para discutir a digitalização e a cultura em seu âmbito.

No que se refere ao eixo Sistemas e Processos, Giseli Vasconcelos, Tatiana Wells e Cristina Ribas assinam “Reinventeceturas Cartografia Arquivos Táticos, 20 anos de cultura de internet no Brasil “, e Julia R. Giannella,, “Interface gráfica do usuário para exploração e visualização de grandes coleções de imagens”, ambos voltados para pensar cartografias, mídias táticas, sistemas de arquivos,

a analítica cultural e o substrato das Humanidades Digitais.

Direito autoral, domínio público, *copyright*, licenças de distribuição, são o cerne das publicações: “O domínio público no direito autoral brasileiro. Uma obra em domínio público”, de Sérgio Branco e “Creative Commons”, de Mariana Valente, compondo o grupo do eixo Legislação.

Finalmente, Tecnologias, o maior conjunto de textos, discute o universo imbricado da cultura e da tecnologia, de modo mais micro e focado nos horizontes que nos atravessam cotidianamente: “O portal Brasileira Fotográfica - Memória, difusão e acesso”, de Roberta Zanatta”; “Reprodução fotográfica digital: uma reflexão sobre a tradução da prata ao pixel”, de Joanna Americano Castilho e Nrishinro Vallabha Das Mahe; “Digitalização de negativos preto e branco no formato 35mm, com sistema *filmtoaster* e câmera Nikon D850 com objetiva macro de 60mm” - trabalho sobre os negativos pertencentes a coleção Mário Cravo Neto/ IMS, de Joanna Americano

Castilho, Reginaldo Carvalho da Silva Junior e Anna Carolina Rocha; “As instituições GLAM, os acervos e as plataformas Wikimedia - O passo a passo de como as plataformas wiki ajudam GLAMs na era das convergências digitais”, de Giovanna Fontenelle, “Wikimedistas em residência - Integrando Instituições GLAM à rede de conhecimento dos projetos Wikimedia”, de Érica.

Leno Veras, curador do *hackaton* “Abre-te Código”, e autor do capítulo introdutório “Estive no futuro e lembrei de você: sobre os museus e o século XXI”, apresenta o formato do evento, que começou em 2014, na Alemanha, e destaca a preocupação com a ampliação do acesso, a expansão dos espaços de interação com o patrimônio cultural, a necessidade de encontrar outras audiências, a disponibilização de dados abertos e a reconfiguração do *modus operandi* da produção de conhecimento.

Ainda na série de textos introdutórios, Giselle Beiguelman, artista e pesquisadora, se esmera em retorquir o lugar o comum e redige

“Reinventar a memória é preciso”, iniciando a sua narrativa com a frase: “A internet não esquece, mas a cultura digital não nos deixa lembrar”.

Seu texto parte de uma série de angústias que permeiam o campo: “as especificidades da preservação de obras artísticas produzidas com meios digitais; a temporalidade vivida nas redes sociais; e alguns aspectos do design de experiência”.

Para a autora, a preservação do patrimônio cultural tornou-se um desafio ainda maior. A banalização do termo “memória”, conceito que descreve tanto *hardware* quanto *software*, gera uma objetificação que distorce a própria conservação dos conteúdos produzidos.

A *net art*, por exemplo, só se constitui como tal se considerada a fruição através da rede, fato que pede uma metodologia analítica diferente: de contiguidade e semelhança para a emulação e a analogia, reforça Beiguelman.

“Abre-te Código” consiste em uma análise ora dolorosa, ora esperançosa, acerca da falibilidade de nosso sistema

de preservação, mais frágil do que aquele que gravava na pedra, no papiro, no códice, que talhava no mármore ou pintava o óleo sobre tela, mas que se prepara para (re)apresentar o imaterial espaço da experimentação digital, emulando imagens oriundas de dispositivos já inexistentes (a exemplo das imagens geradas nos tubos catódicos de Nam-June Paik), como pontua Beiguelman, re-acionado um *locus* antes, impossível.

Tal problemática se estende por todo o campo das Humanidades Digitais, envolvendo desde estudos sobre a fotografia e sua digitalização, o trabalho com grandes coleções de imagens, o papel das GLAM (*Galleries, libraries, archives and museums*) no compartilhamento de arquivos, as produções coletivas (*wiki*) até a necessidade de novas metodologias de pesquisa que contemplem a especificidade da arte e da tecnologia de base digital.

Os textos funcionam, ainda, como uma espécie de guia pelo campo, contando a história do projeto Informática e Cultura, que deu origem ao Itaú

Cultural, a estruturação do Portal Brasileira, as mudanças de suporte e linguagem na fotografia, a experiência do Instituto Moreira Salles, o projeto GLAM do Museu Paulista, a iniciativa wiki de recuperação das imagens do acervo do Museu Nacional.

As lentes dos pesquisadores se debruçaram também sobre práticas e experiências dos ambientes virtuais, tais como: *crowdsourcing*, *distant Reading*, gamificação, além de visitar os projetos *Coding da Vinci*, *Google Art Project*, *Variable Media Initiatives*, *One Terabyte of Kilobyte Age*, IMDB (Internet Movie Database), fazendo menção a exposições e a artistas significativos para a história da arte e da tecnologia, a exemplo de Man Ray, Grahame Weinbren, Hans Haacke, Waldemar Cordeiro, Olia Lialina, Dragan Espenschied, Nomedá & Gediminas Urbonas, Mabe Bethônico e do já citado Nam-June Paik.

Encerra a coletânea a republicação do artigo “Renascimento Digital”, de Cecília C. B. Cavalcanti, Carolina da Rocha C. Matos e Leno Veras, esboçando um conceito de renascimento digital

derivado das mudanças geradas pelas novas tecnologias.

Inquestionável o fato de que, na era da digitalização, a preservação do patrimônio cultural enfrenta desafios complexos e urgentes. A transição para o meio digital apresenta a ameaça de obsolescência de formatos tradicionais de preservação, enquanto a rápida evolução da tecnologia torna necessário o constante acompanhamento e atualização de sistemas. Além disso, a preservação digital envolve preocupações sobre a fragilidade dos suportes digitais e a durabilidade dos dados ao longo do tempo. Questões éticas também emergem, como a acessibilidade e a democracia cultural.

Um pano de fundo mais amplo enfatiza que se torna crucial a necessidade de diretrizes globais para a preservação digital, visando garantir a proteção eficaz e sustentável do patrimônio cultural para as gerações futuras.

A leitura dos textos publicados pelo Instituto Goethe oferece uma reflexão abrangente, atual, necessária, atenta às mazelas de um cotidiano que teme

que lhe escapem das mãos e da mente o fluxo da história, emaranhado em meio a algoritmos e códigos fechados.



Abre-te código. Transformação digital e patrimônio cultural, organização: Leno Veras, coordenação editorial: Marina Watanabe. Para acessar o livro: https://www.goethe.de/resources/files/pdf213/abre_te_codigo_ebook.pdf

LILIAN CRISTINA MONTEIRO FRANÇA

Doutora em Comunicação e Semiótica (PUCSP). Pós-doutora em História da Arte (UNICAMP); Editora de Arte e Tecnologia na Revista Arte & Crítica da ABCA; professora titular da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Atualmente pesquisa na área de convergência entre Artes, Tecnologia e Comunicação. Autora de: “Caos-EspaçoEducação” (Annablume); “Da geometria euclidiana a Geometria Fractal - Um estudo sobre a história da arte” (EDUC); “Webdocumentários e narrativas em paralaxe” (Criação); “Imagens e números” (EDUFS); “The Facebook Instant-Articles Bussines model” (Criação); entre outros.